

A Culpa é da Mãe!

Onde está o Pai?

Antes de iniciar a nossa série de conversas “A Culpa é da Mãe!” e “Onde está o Pai?” precisamos introduzir um modo de pensar distinto do jeito frequente de pensar as crises e dúvidas diante dos acontecimentos do nosso dia a dia, principalmente quando se fala de filhos.

Vamos começar com um exemplo:

Pense em uma criança, um menino com seus 3 anos que já anda, fala o suficiente para um diálogo, tem vontades próprias. Uma criança que encanta e incomoda os adultos a sua volta diante do exercício da sua autonomia. A mamãe e o papai levam o menininho para uma festa cheia de crianças, brinquedos bacanas, comida gostosa e cheirosa, ambiente colorido, personagens infantis, amigos, gritaria, corre-corre, empurra-empurra, brinquedos altos e distantes do chão, personagens gigantes com bocas grandes e vermelhas, comidas quentes ou frias demais, adultos que se dão o direito de tocar e dar bronca no menininho sem cerimônia, pessoas estranhas. Diante desse cenário conflitante, papai, mamãe e menininho podem seguir alguns caminhos:

1. Pai e Mãe empurram o menino para aquele universo de atração e repulsão, espaço de presença e ausência. Pais que, para a criança, “não querem” ele por perto, e, para os pais, o que eles “querem” é que o menininho aproveite o lugar bacana. Nessa situação, a criança pode sentir-se magoada com o “empurrão” e colar nos pais, Ou arriscar-se no ambiente externo sem se perceber pequena num mundo de adultos, num ambiente de adultos;
2. Pai e Mãe, ao contrário do modo anterior, julgam o lugar perigoso e temem pelo filho e, sem perceber, seguram-no, achando que estão protegendo o menino para que ele não corra risco nenhum naquele lugar cheio de perigos. O ambiente é visto como ameaçador. Já a criança, diante da atitude de proteção dos pais, pode viver um medo paralisante, ou um “tudo pode” perigoso, desafiando os pais;
3. Pai empurra o filho e, ao mesmo tempo, Mãe segura o menino, ambos partindo das suas histórias e experiências como aluna(o) e como filho(a). Nessa situação, as verdades prontas dos pais não deixam lugar para as experimentações necessárias da criança. Poder relacionar-se com outras pessoas. Poder relacionar-se com este novo ambiente. Nessa combinação, uma criança pode “escolher” confiar no pai Ou na mãe, e, seguir no seu processo de desenvolvimento isolando partes em si, parte do pai e parte da mãe, e fora de si, ambiente seguro e ambiente perigoso, acreditando em mundos fragmentados!

E aí, estão entendendo aonde queremos chegar?! São verdades distintas convivendo no mesmo lugar! Todos querendo o bem estar (?) do seu jeito, nas suas dúvidas e certezas.



Cada corpo, de modo objetivo e subjetivo, vai vivendo os seus Conflitos, interna e externamente a cada um. O menininho, a mamãe e o papai e todos os presentes na festa estão habitando o mesmo espaço mas o sentem, percebem-no e agem de modos distintos. Temos, no exemplo dado, um campo de forças com várias orientações e, pasmem, todas são verdades possíveis! Podem ser vistas varias dimensões de um mesmo lugar e com cada um, simultaneamente, percebendo determinada parte do mesmo acontecimento.

E agora, que loucura é essa? Como vamos viver sem o conhecido e falido controle das coisas ao nosso redor?! Como podemos propor liberdade com limites?! Existe liberdade com limites?!

Nossas conversas, aqui lançadas, vão propor negociações entre as várias verdades que coexistem no mesmo ambiente. Ambiente é entendido como o lugar no qual encontramos as diferenças e semelhanças, no qual cada um define, até certo ponto, o certo e o errado para si mesmos. A criança decide em quem confiar, quem define este ambiente seguro.

Vamos interagir por meio de perguntas e respostas, de propostas de questionamentos. Vamos falar sobre temas como: pés para dentro ou pés para fora do carregador; bebês/crianças sentadas em W, pode?; postura em pé, correta ou errada?; Mamãe X Papai, quando dar colo ou encorajar um afastamento, etc...

Fiquem conosco e nos ajudem partilhando os questionamentos que acompanham vocês. Quem sabe duas pessoas, um médico (pediatra) e uma fisioterapeuta (terapeuta alfa corporal), que unem suas forças, podem promover uma reflexão compartilhada?! Esperamos vocês!

Denise E Cacá